

O pré-natal de mulheres circenses itinerantes no Sistema Único de Saúde

Prenatal care for traveling circus women in the Unified Health System

Atención prenatal a mujeres circenses itinerantes en el Sistema Único de Salud

**Marina de Campos Campbell
Cavalléro Alonso^{1*}**

ORCID: 0000-0002-2802-7016

Slanny Tavares Cherem¹

ORCID: 0000-0003-0007-2218

Abilene do Nascimento Gouvea¹

ORCID: 0000-0002-3033-5069

¹Universidade Veiga de Almeida.
Rio de Janeiro, Brasil.

Como citar este artigo:

Alonso MCCC, Cherem ST, Gouvea

AN. O pré-natal de mulheres
circenses itinerantes no Sistema
Único de Saúde. Glob Acad Nurs.

2025;6(2):e394.

<https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200394>

*Autor correspondente:

marina74campbell@hotmail.com

Submissão: 04-08-2023

Aprovação: 10-03-2024

Resumo

Objetiva-se analisar a vivência de pré-natal das mulheres circenses itinerantes no Sistema Único de Saúde. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, no qual o sujeito da pesquisa foram mulheres circenses itinerantes que já engravidaram e que tiveram seu pré-natal pelo Sistema Único de Saúde, sendo o campo explorado para esse estudo, os circos do Rio de Janeiro. A coleta de dados foi realizada através do formulário do *Google Forms* e entrevistas, que foram submetidas à análise de conteúdo de Bardin. Foram entrevistadas cinco mulheres (com 11 gestações). A idade média delas é de 30 anos, 80% natural do Rio de Janeiro, 80% parda/ preta e com união estável. Durante as gestações 100% das mulheres itineraram com o circo. 72,72% fizeram mais de seis consultas de pré-natal e 60% não realizaram atividade educativa. Através dos dados qualitativos surgiram duas categorias: Da mudança de localidade ao acolhimento das mulheres circenses itinerantes, e a Dificuldade do atendimento no pré-natal. Embora a continuidade do pré-natal da maioria das mulheres circenses itinerantes tenha sido dentro do preconizado pelo Ministério da Saúde, o acolhimento e a assistência que elas receberam durante o período não foi adequado em relação às atividades educativas.

Descritores: Pré-Natal; Mulheres Circenses; Sistema Único de Saúde; Assistência em Saúde; Atenção Básica.

Abstract

This study aims to analyze the prenatal experiences of women from traveling circuses within the Unified Health System. This is an exploratory and descriptive study employing both qualitative and quantitative approaches. The research subjects were traveling circus women who had previously become pregnant and received prenatal care through the Unified Health System. The study setting was the circuses of Rio de Janeiro. Data collection was conducted using *Google Forms* and interviews, which were subjected to Bardin's content analysis. Five women (with 11 pregnancies) were interviewed. Their average age was 30 years, 80% were from Rio de Janeiro, 80% were mixed race/ black, and were in a stable relationship. During their pregnancies, 100% of the women traveled with the circus. 72.72% had more than six prenatal appointments, and 60% did not participate in any educational activities. Through the qualitative data, two categories emerged: From the change of location to the reception of traveling circus women, and the Difficulty of prenatal care. Although the continuity of prenatal care for most traveling circus women was within the Ministry of Health's recommendations, the reception and assistance they received during this period were inadequate regarding educational activities.

Descriptors: Prenatal; Circus Women; Unified Health System; Health Care; Primary Care.

Resumén

El objetivo de este estudio es analizar las experiencias prenatales de mujeres circenses itinerantes en el Sistema Único de Salud. Se trata de un estudio exploratorio y descriptivo, con un enfoque cualitativo y cuantitativo. Los sujetos de investigación fueron mujeres circenses itinerantes que habían quedado embarazadas previamente y recibieron atención prenatal a través del Sistema Único de Salud. El estudio se realizó en los circos de Río de Janeiro. La recolección de datos se realizó mediante Formularios de *Google* y entrevistas, que se sometieron al análisis de contenido de Bardin. Se entrevistó a cinco mujeres (con 11 embarazos). Su edad promedio fue de 30 años, el 80% eran de Río de Janeiro, el 80% eran mestizas/ negras y estaban en una relación estable. Durante sus embarazos, el 100% de las mujeres viajaron con el circo. El 72,72% tuvo más de seis consultas prenatales y el 60% no participó en ninguna actividad educativa. A partir de los datos cualitativos, se identificaron dos categorías: desde el cambio de ubicación hasta la recepción de las mujeres del circo ambulante, y la dificultad de la atención prenatal. Si bien la continuidad de la atención prenatal para la mayoría de las mujeres del circo ambulante se ajustó a las recomendaciones del Ministerio de Salud, la recepción y la asistencia que recibieron durante este período fueron inadecuadas en cuanto a las actividades educativas.

Descritores: Prenatal; Mujeres Circenses; Sistema Único de Salud; Atención de Salud; Atención Primaria.



Introdução

O pré-natal é de total importância para a saúde materna e do recém-nascido, buscando assegurar uma gravidez tranquila e sem riscos. Porém, sabe-se que há dificuldades na assistência ao pré-natal que impedem a mulher de ter o mínimo de seis consultas durante a gravidez. Estas consultas, vale destacar, são mensais até a 28ª semana, quinzenais entre a 28ª e a 36ª semana, e semanais até o momento do parto. Isso é o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹.

Segundo o Ministério da Saúde e Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa², o acesso ao pré-natal no primeiro trimestre da gestação tem sido empregado como um indicador da avaliação da qualidade da Atenção Básica e é de extrema importância o comprometimento de toda a equipe para uma melhor assistência à gestante. O entendimento das gestantes para o início propício do pré-natal é indispensável para o diagnóstico precoce das alterações e para a execução das intervenções adequadas em relação às condições que tornam vulneráveis a saúde da gestante e a do bebê.

Enfatiza-se ser necessário e fundamental saber sobre a história de vida dessa mulher, sua ansiedade, medos, sentimentos e seus desejos, pois nessa fase acontece uma transformação no corpo dessa mulher e uma importante transição existencial. Esse momento intenso de descobertas, mudanças e aprendizados é uma grande chance dos profissionais de saúde empregarem estratégias de educação e cuidado, tendo em vista o bem-estar da gestante e a do bebê, podendo incluir o pai e/ou parceiro e a família, desde que isso seja o desejo da mulher².

O acolhimento dessa gestante deverá ser realizado na Unidade Básica de Saúde (UBS). A UBS fica responsável por conhecer o perfil das gestantes de sua área, das mulheres que tem interesse em engravidar ou já engravidaram, assim como as mulheres circenses itinerantes que foram estudadas neste presente trabalho¹.

O circo abrange diferentes culturas, porém tem a sua própria, sendo complexo em si, possuindo diferentes religiões e línguas. Um dos exemplos disso, é que o lazer, o trabalho e o relacionamento social acontecem em um mesmo local, o circo³.

Segundo estudo⁴, os grupos familiares foram formados quando os circos foram montados, sendo estes os circenses tradicionais, tendo como sua característica ser itinerante. Este tipo de circense tem como costume passar seus ensinamentos para as próximas gerações, a fim de perpetuar as tradições de cada família.

Dentro do recorte proposto para esta pesquisa, quando falamos das mulheres circenses itinerantes, temos um cenário de mulheres que vivem geralmente em trailers, que tem uma função social importante dentro do circo e não permanecem em um local fixo por muito tempo, assim, fazendo parte de uma população considerada nômade. Segundo pesquisadores⁵, um estudo sobre o circo que não leve em consideração seu caráter nômade pode chegar a conclusões insuficientes, por isso, consideramos relevante apontar o nomadismo das mulheres interlocutoras deste trabalho.

Desta forma, escolhemos utilizar como embasamento o conceito de nômade sugerido por pesquisadores⁵: grupos que têm como característica essencial o deslocamento contínuo, e mesmo se distribuindo de forma singular em espaços livres e não circunscritos, possuem referências fixas que colaboram para a definição do seu espaço ou seus trajetos. Nenhum coletivo nômade, sendo de circenses, ciganos ou outros, possui como objetivo caminhos aleatórios, e sim seguem “pistas e percursos”, tendo este modo como forma de viver.

Neste trabalho, a relevância do estudo foi entender se existiram fatores de dificuldades de acesso ao pré-natal e, caso sim, quais foram considerando essas mulheres no contexto de atendimento pelo SUS, já que o pré-natal é um processo contínuo. A motivação que nos fez ocupar este lugar de curiosidade perante o pré-natal desta população é que com todo esse cotidiano cíclico que essas mulheres vivem por terem suas vidas dentro de uma lona de circo e não se estabilizarem em apenas um local, como seria essa continuidade no tratamento. Diante do exposto, surgiu a seguinte questão norteadora: “Como é realizado o atendimento do pré-natal das mulheres circenses itinerantes no âmbito do SUS?”.

O presente estudo objetivou analisar a vivência de pré-natal das mulheres circenses itinerantes no Sistema Único de Saúde, identificar se as mulheres circenses itinerantes tiveram o acompanhamento adequado do seu pré-natal e analisar como foram tratadas diante deste cenário inerente a sua realidade. Este tema foi abordado com a justificativa de dar visibilidade e voz para essas mulheres, que no decorrer da história do Circo ficaram como coadjuvantes, fornecendo assim, mais informações sobre sua saúde e bem-estar. Saber como ocorreu o pré-natal delas nos leva a intrigante questão da continuação dele, já que este tipo de atendimento é regionalizado no SUS. A finalidade foi identificar como é a qualidade da assistência a essas mulheres, a fim de oferecer subsídios que possam qualificar melhor o pré-natal de mulheres que vivem nesta situação. Por fim, este trabalho pretende estimular a produção científica focada nesta temática, podendo haver futuramente mais pesquisas acerca do tema.

Metodologia

Trata-se de um estudo de campo do tipo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa. O estudo abordou o pré-natal de mulheres circenses itinerantes no Sistema Único de Saúde. A pesquisa exploratória, na verdade, requer a exploração do assunto em estudo. Ou seja, por se tratar de um assunto ainda pouco conhecido e explorado, é necessário criar uma base hipotética junto com outras fontes estudadas no processo. Já a pesquisa descritiva, sua principal característica é a análise descritiva detalhada do objeto de pesquisa. Em outras palavras, sua finalidade é analisar os dados coletados sem a interferência do pesquisador⁶.

O campo explorado para esse estudo foram os circos itinerantes que estavam ou já estiveram no estado do Rio de Janeiro, no período de 2004 a 2022.



O público-alvo da pesquisa foram as mulheres que já engravidaram, tiveram seu pré-natal pelo Sistema Único de Saúde e são circenses itinerantes. Para esse estudo foram analisadas as mulheres circenses itinerantes dos circos do Rio de Janeiro, e que concordaram em participar da pesquisa.

Foram incluídas no estudo mulheres circenses itinerantes que tiveram realizado o pré-natal no Sistema Único de Saúde, com idade entre 18 e 50 anos, que aceitassem assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de forma virtual, participar respondendo o questionário do *Google Forms* proposto para a entrevista, e estivessem dispostas, se convocadas, a realizar uma videochamada com as pesquisadoras do estudo para responder mais algumas perguntas. Foram excluídas as mulheres que não engravidaram, as que não utilizaram o Sistema Único de Saúde para a realização do pré-natal, que não fossem de circo itinerante, que tivessem menos de 18 anos ou mais de 50 anos, e as que se recusaram a participar respondendo as questões propostas para a entrevista.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto (CEP/HUPE), sob o parecer n.º 5.312.646 e CAAE: 55255222.0.0000.5259.

A coleta de dados foi feita por meio de um questionário semiestruturado contendo perguntas relacionadas ao perfil, à história obstétrica e à vivência dessas mulheres em relação ao acesso do pré-natal no SUS, o questionário foi disponibilizado por meio do *Google Forms*.

Após as perguntas, entramos em contato com algumas dessas participantes para realizar também a entrevista por meio de vídeo chamadas para um melhor aprofundamento do estudo. Os dados quantitativos foram coletados e sistematizados para análise via *Excel*, permitindo que as frequências de resposta fossem descritas em uma tabela de frequências.

Para a análise qualitativa dos dados da pesquisa, foi realizada a análise do conteúdo com base nas técnicas de Laurence Bardin⁷. A escolha deste método teve como principal proposta compreender os diversos sentidos e significados dos dados coletados. Desta forma, a análise de conteúdo é dividida em três etapas: Pré-análise; Exploração do material; Tratamento dos resultados e interpretação. As entrevistas foram realizadas e posteriormente analisadas e divididas em três etapas: Leitura na íntegra de cada entrevista para um melhor entendimento dos dados; Leitura detalhada para identificação de núcleos; Agrupamento e codificação dos núcleos de acordo com suas características.

Resultados e Discussão

O grupo participante da pesquisa foi constituído inicialmente por nove mulheres circenses itinerantes. Destas, quatro mulheres foram excluídas, pois elas não se encaixavam no proposto pela pesquisa. O número coletado nos leva a crer no reflexo da itinerância desse grupo, em que o cotidiano de troca de lugar e espetáculos pode ter afetado a quantidade de participações na entrevista.

Tabela 1. Características sociodemográficas de mulheres circenses itinerantes atendidas pelo SUS. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2004-2022

Variável	Dados	Frequência	%
Idade	<30	3	60
	>30	2	40
Cor	Branca	1	20
	Parda/ Preta	4	80
Naturalidade	Rio de Janeiro	4	80
	Outras	1	20
Estado Conjugal	Solteira	0	0
	União Estável	4	80
	Casada	1	20
Escolaridade	Ensino Primário	1	20
	Ensino Fundamental	1	20
	Ensino Médio	2	40
	Ensino Superior	1	20
Número de Filhos	<2	2	40
	>2	3	60
Ocupação	Ilusionista	2	40
	Número Aéreo	2	40
	Palhaça	1	20
O circo mudou de lugar durante a gestação?	Sim	5	100
	Não	0	0

Dentro das cinco mulheres entrevistadas, observamos um total de 11 filhos, todas as gestações foram em situação itinerante. A idade média delas é de 30 anos e 8 meses. 80% são naturais do Rio de Janeiro e 80% se declararam parda/preta. A mesma porcentagem se

encontrou no estado conjugal em que vivem, união estável. O levantamento sobre o nível de escolaridade dessas mulheres revelou que 40% delas concluíram o Ensino Médio, 20% concluíram o Ensino Superior, 20% o segundo segmento do Ensino Fundamental e 20% o Ensino Primário. Em relação



as ocupações, todas trabalham no circo, sendo 40% como ilusionista, 40% realizando número artísticos aéreos e 20% são palhaças. Durante as gestações, 100% das mulheres mudaram de lugar juntamente do circo e a maioria delas mais de 3 vezes (Tabela 1).

Referente ao pré-natal, de acordo com a quantidade de filhos, 72,72% dessas mulheres tiveram mais de seis consultas; todas relataram ter realizado exames durante o pré-natal, algumas delas não lembram com exatidão quais foram e todas disseram ter feito ultrassonografia.

Em relação a intercorrências na gravidez, 60% afirmaram ter tido. Algumas das intercorrências relatadas foram: infecção urinária, perda de líquido da placenta e anemia. 20% das mulheres participantes relatou que na terceira gestação perdeu sangue no terceiro mês e precisou ficar internada; outro relato feito por ela trata do oitavo mês

dessa mesma gestação em que voltou a ficar internada porque teve hipertensão.

Sobre a atividade educativa, 60% negaram ter feito qualquer tipo de atividade. Sendo assim, em relação às leis e seus direitos, 100% afirmaram não ter recebido nenhuma informação durante a gravidez.

Sobre a previsão do parto, 20% das entrevistadas relataram que teve acompanhamento de uma doula e que esta criou para ela um plano de parto. 80% das entrevistadas não sabiam o que era plano de parto e algumas relataram que quando foram ter filhos não tinha essas atividades. 80% não foram informadas sobre a maternidade de referência para o parto. 100% delas não teve a oportunidade de poder visitar a maternidade antes de ter filho. Dentre os 11 partos, 63,63% tiveram parto normal e 36,36% parto cesárea (Tabela 2).

Tabela 2. Características em relação ao pré-natal de mulheres circenses itinerantes atendidas pelo SUS. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2004-2022

Variável	Dados	Frequência	%
Número de consultas	<6	3	27,27
	>6	8	72,72
Exames	Sim	5	100
	Não	0	0
Intercorrências na gravidez	Sim	3	60
	Não	2	40
Realizou atividade educativa durante o pré-natal?	Sim	2	40
	Não	3	60
Plano de parto	Sim	1	20
	Não	4	80
Falou sobre a maternidade de referência?	Sim	1	20
	Não	4	80
Foi informada sobre leis durante o pré-natal?	Sim	0	0
	Não	5	100
Visitou a maternidade antes de ter filho?	Sim	0	0
	Não	5	100
Via de parto - segundo o número de filhos (n = 11)	Normal	7	63,63
	Cesárea	4	36,36

Sobre os dados qualitativos, pudemos observar algumas semelhanças nas falas e com isso analisá-las. Referente ao tempo de vivência no circo, três mulheres escreveram que vivem no circo desde o seu nascimento, uma delas está no circo há 13 anos e outra afirma que atualmente não vive mais no circo, mas viveu um ano antes da gestação da única filha e até esta completar 9 meses, justifica que a interrupção foi dada por conta da pandemia.

Sobre as experiências agradáveis em relação ao pré-natal e o momento do parto, três mulheres dizem ter sido agradável, duas delas consideraram que não foi agradável o atendimento. Aprofundando sobre o acolhimento, uma disse ter sido maltratada no primeiro lugar que ela foi apenas porque acharam que ela não tinha estudo. Esta participante complementou seu relato dizendo que apesar desse episódio nos outros lugares que foi atendida os profissionais foram receptivos. As outras três entrevistadas afirmaram ter sido bem atendidas e tratadas pelos

profissionais de saúde que tiveram contato durante o pré-natal.

Em relação a possíveis dificuldades para cumprir adequadamente o pré-natal, quatro mulheres afirmaram ter tido dificuldade. Uma delas relatou ter precisado brigar pelo atendimento e que ainda existe muito preconceito com pessoas nômades. Em uma das localidades pelas quais passou para ter atendimento adequado, relatou ter sido destrutada pela sua escolaridade, porém ainda afirmou que em outros lugares a trataram muito bem e finalizou dizendo que o tratamento adequado fica a cargo de cada profissional e que faltam protocolos e orientação para um melhor atendimento para essa população.

Ao serem indagadas sobre o que facilitaria o processo do pré-natal em relação à sua mudança de localidade, disseram que a compreensão das Unidades de Saúde Básica sobre a condição de itinerância seria uma das coisas e que a falta de flexibilidade para a exigência de



ou por falta de orientação e protocolos que englobam pessoas nômades.

"[...] sempre ia no final por causa da mudança de local, até achar alguém pra atender [...]". (E2)

"A única dificuldade que encontro foi que na cidade de Volta Redonda tive que fazer outro cartão do SUS com um endereço atual de lá [...]. Consegui com uma conhecida o comprovante de residência". (E4)

Ao serem questionadas sobre o que facilitaria o acesso ao pré-natal, uma das entrevistadas falou da importância de facilitar o agendamento de consultas para que o acesso seja mais rápido e com menos burocracia. Outra entrevistada reforça sobre uma melhor compreensão das unidades básicas em relação ao público itinerante, e uma maior flexibilidade na hora de exigir o comprovante de residência, pois por serem itinerantes não possuem comprovante de residência fixa.

"Agendamento de consultas do pré-natal". (E3)

"A compreensão das unidades de saúde básica sobre a condição de itinerância. A falta de flexibilidade para exigência de comprovante de residência é uma questão [...]. Faltam protocolos e orientação". (E1)

"Não há facilidade, é sempre um problema pois até achar alguém pra atender. Então por essa razão fui, mas no final da gestação mesmo". (E2)

O conceito de universalização estabelecido pelos princípios do SUS, diz que a saúde é um direito comum a todos. Tal afirmação é corroborada pela carta de direitos dos usuários do SUS, que diz que todo cidadão tem direito ao atendimento livre de qualquer discriminação⁸.

Dessa forma, as características sociodemográficas e relatos encontrados neste presente trabalho nos levam a crer em algumas histórias e discursos que se reproduzem há séculos, em que o circense se encontra em um lugar marginalizado, sem credibilidade, como se pode observar nos relatos das mulheres participantes deste estudo.

Segundo Duarte⁹, a definição de nômade encontrado no século XIX são de pessoas sem residência física, não civilizadas, consideradas como pessoas desocupadas. Quando falamos sobre a educação dessa população nesse contexto nômade, podemos observar que, segundo Xavier e Santos¹⁰, por ano as crianças de circo frequentam mais de uma escola e que o acesso à educação tem sido garantido, mesmo com as dificuldades encontradas.

Quando a entrevistada 1 (E1) diz: *"[...] ela falou assim: tu estudou até que ano? Ai eu falei: eu tenho Nível Superior, aí ela: Ah tá, aí me atendeu de outro jeito"*, percebemos que o preconceito já estabelecido historicamente por essa população interfere no atendimento, pois até então a E1 não seria atendida sem a persistência da enfermeira que estava no local. Quando nos deparamos com o dado de que 40% das entrevistadas têm o Ensino Médio e 20% Ensino Superior, nos leva a analisar que

comprovante de residência é uma questão que deveria ser revista. O agendamento de consulta é outro ponto que deveria ter maior facilidade.

De acordo com a análise das vivências das mulheres circenses itinerantes entrevistadas, através da Análise de Bardin, percebemos duas categorias: da mudança de localidade ao acolhimento das mulheres circenses itinerantes e a dificuldade do atendimento no pré-natal.

Da mudança de localidade ao acolhimento das mulheres circenses itinerantes

Ao analisar as falas das entrevistadas, podemos perceber que existe uma dificuldade em conseguir atendimento por conta da itinerância, pois devido a essa condição acabam ficando à mercê dos profissionais atenderem ou não nos postos de saúde. Na fala de uma delas fica nítido um prejulgamento do profissional em relação ao seu grau de escolaridade.

"Tem uns que acolhem bem e uns que não, ainda mais a gente que sempre tá em um lugar diferente e para médico é uma burocracia danada [...] me trataram do jeito deles, jeito esquisito". (E5)

"No primeiro lugar foi legal, e aí a moça me questionou que não ia me atender, porque eu era do circo e o posto só atendia quem era da cidade, e mesmo eu explicando que eu estava na cidade naquele período ela não queria me atender, eu tive que dar uma brigada e foi muito louco porque veio uma enfermeira lá de dentro e disse que ia me atender sim, aí a primeira mulher voltou pra fazer minha ficha obrigada, aí ela falou assim 'tu estudou até que ano?', eu respondi que tinha nível superior, aí ela me atendeu de outro jeito, ela achou que eu, por ser do circo, não tinha estudado e que eu não ia saber me posicionar". (E1)

Claro que não podemos generalizar, há casos em que o atendimento é realizado de maneira acolhedora e sem dificuldades. Mesmo assim, não representa a maioria das entrevistadas.

"Foi tranquilo, fui bem atendida e eles foram atenciosos". (E4)

A dificuldade do atendimento no pré-natal

Entre os relatos de das participantes fica claro um prejulgamento de uma profissional em relação ao grau de escolaridade, e que para ter uma consulta de pré-natal a entrevistada precisou se impor para conseguir ser atendida. Contudo, vale destacar, acesso à saúde é um direito de todo cidadão brasileiro.

"Sim, em algumas cidades precisei brigar pelo atendimento. Ainda há muito preconceito com as famílias nômades. As pessoas acreditam que por termos uma vida diferente da tradicional somos irresponsáveis ou não dignos. Em uma cidade precisei me impor e só depois de consultarem meu nível de formação acadêmica fui bem atendida [...] infelizmente o não reconhecimento da existência de pessoas nesta situação faz com que as decisões de tratamento fiquem a cargo da decisão pessoal de funcionários". (E1)

Fica nítido nas falas das entrevistadas que sempre existe um problema a ser resolvido, seja por falta de comprovante, pela dificuldade de agendamento de consulta



a ideia preconceituosa de que o circense não estuda está equivocado.

Isso nos levou a perceber que as dificuldades que observamos em algumas falas podem ser consideradas segundo estudo³, sendo os percalços por interferências externas, como a fama por ser circense e a falsa ideia de que circenses são pessoas intelectualmente pobres, sendo um dos motivos a serem destratadas ou mal vistas quando buscam a assistência.

Do ponto de vista da divisão dos números artísticos circenses de acordo com o gênero, sugere-se que as mulheres costumam executar apresentações ligadas a garbo, delicadeza e elasticidade³. As entrevistadas possuem este perfil de delicadeza referido, embora acreditemos que números artísticos aéreos exijam certa aplicação de força. Em contrapartida, consideramos relevante sinalizar que há os 20% na função de palhaça, que é uma atividade tradicionalmente marcada pelo gênero masculino. Sendo assim, a figura da palhaça no universo circense é recente¹².

É pertinente mencionar que pessoas que são de circos tradicionais itinerantes levam consigo aprendizados de gerações anteriores⁴. Então, quando falamos da inserção dessas mulheres no circo, podemos supor, diante da análise dos dados, que muitas estão nesse contexto desde que nasceram ou estão há bastante tempo.

Para começarmos a falar sobre acolhimento na Atenção Básica, é necessário dizer que os profissionais de saúde são responsáveis pela condução do cuidado e o acolhimento é construído a partir da relação destes com o usuário. É fundamental ter uma escuta qualificada, prezando pela integralidade do cuidado, e sempre analisando o contexto em que a essa mulher vive¹.

Ao notarmos a falha nessa comunicação entre profissional e usuário, podemos analisar que essas mulheres, que já vivem em um contexto instável, tendem a se afastar do acolhimento, como relatou E1 ao precisar persistir para ser atendida e como a entrevistada 3 (E3) que afirmou “[...] inclusive minha mãe teve que ir lá acordar a médica”, relatando o que aconteceu assim que chegou à unidade de atendimento para ter seu filho.

Dentre as entrevistadas, a de número 2 (E2) já se afastou do acompanhamento pré-natal, em sua fala relatou “[...] não há facilidade, é sempre um problema, pois até achar alguém pra atender [...]. Então, por essa razão fui mais no final da gestação mesmo”, não completando o mínimo de seis consultas nas duas gestações que teve. Diante desta fala, podemos acreditar que outras mulheres tenham se afastado pelo mesmo motivo.

No pré-natal é garantido que a gestante tenha acolhimento imediato e garantia de atendimento assim que procura uma unidade de saúde. No entanto, quando nos deparamos com alguns desses relatos podemos analisar que a assistência foi falha e parcial, não cumprindo com o princípio do SUS, a universalidade de acesso¹.

De acordo com o Ministério da Saúde, a assistência precisa atender as reais demandas das gestantes, assegurar que elas tenham no mínimo seis consultas e, para além disso, que elas consigam dar continuidade ao acompanhamento. No caso das mulheres entrevistadas, a

maioria conseguiu cumprir este critério das consultas, embora saibamos que a assistência não se resume a isto¹.

Com base no exposto, podemos deduzir que durante a assistência pré-natal o tratamento dessas mulheres não foi adequado, mesmo quando seus relatos afirmam que o atendimento foi, em sua maioria, agradável. É importante ressaltar que para uma assistência de pré-natal ser efetiva é necessário atividades educativas, informar sobre os direitos da gestante, conhecer a maternidade em que irá parir (segundo a Lei n.º 11.634, de 27 de dezembro de 2007) e, conseqüentemente, saber as leis que cercam este tema¹.

Ao observarmos que todas as entrevistadas não obtiveram informações sobre as leis que as protegem e seus direitos, como evidenciou a E2 “[...] ninguém nunca me falou nada, de direito nenhum”, que apenas uma entrevistada teve plano de parto (pois seu parto foi domiciliar) e que a maioria não conheceu a maternidade de referência e/ou não tiveram atividades educativas, como falou a entrevistada 4 (E4) “[...] não, eu que sempre procurei, porque eu tinha medo dela nascer antes, a partir dos 7 meses, eu comecei a ir atrás”, podemos então, detectar uma falha na assistência.

No caso dessas circenses que itineram, para a mulher ter assiduidade no pré-natal depende, em sua maioria, da equipe de saúde. O deslocamento e o tratamento de alguns funcionários, como podemos observar na fala de E1 “[...] a moça do posto não queria me atender, porque eu era do circo, e o posto só tinha que atender quem era da cidade”, comprometem a continuação do acompanhamento.

Como analisamos, todas as entrevistadas durante o período de gestação itineraram mais de três vezes. Isto nos leva a crer que se a assistência foi prestada desta forma a outras mulheres circenses itinerantes, podemos supor que elas não acompanham o pré-natal de forma adequada.

Segundo estudo¹², quando temos uma assistência eficaz, podemos reduzir o risco de mortalidade materna. Um dos meios para chegar a este objetivo, é ter um profissional qualificado para tal. Para se tornar esse profissional, é necessário que ele desempenhe suas funções conforme o padrão estabelecido para a assistência junto aos protocolos nacionais. De alguma forma, se esse padrão é afetado, não podemos garantir a qualidade na saúde.

De acordo com os relatos, as mulheres acreditam que uma maior compreensão por parte das UBS em relação à condição de itinerância, uma maior flexibilidade na exigência de comprovante de residência e de agendamento de consultas, facilitaria o acesso das gestantes ao pré-natal e de êxito na continuidade. Os profissionais de saúde necessitam de melhores orientações sobre as características do cotidiano do povo circense, para saber a melhor forma de dar assistência a eles, para que sigam os protocolos acerca do tema^{13,14}.

Por fim, temos que enfatizar que estas mulheres são estigmatizadas pela sociedade e sofrem com isso. Uma consequência observada devido a esse panorama social é a dificuldade no acesso ao SUS, já que caso um profissional viole algum princípio ou lei, elas tendem a evitar o acompanhamento como forma de autopreservação.



Quando E4 diz “[...] ah, esse povo assim pra acolher a gente que é de circo, sabe como é que é, né? Complicado. Têm uns que acolhem bem, têm outros que não”, percebemos o que discutimos neste presente trabalho, que o preconceito com o povo circense pode atrapalhar o acesso dessas mulheres ao pré-natal.

Conclusão

O assunto tratado neste trabalho ainda é pouco explorado e, portanto, um assunto desafiador a ser debatido, pois a população estudada ainda vive marginalizada. A partir das falas das participantes deste estudo, pôde-se perceber que apesar de algumas mulheres concluírem que foi agradável sua experiência, com o embasamento estudado e as referências buscadas, pudemos observar que não foram experiências verdadeiramente agradáveis, visto que todas sofreram algum tipo de preconceito ou uma desumanização no cuidado.

Quando observamos que elas em sua maioria não foram instruídas sobre princípios que fazem parte do pré-natal, como informar sobre direitos, leis, e a realização de atividades educativas, concluímos que houve falha na assistência e, em consequência, um pré-natal não adequado.

Ao olhar para o número de consultas de pré-natal, analisamos que estas mulheres seguiram as orientações de seis consultas ou mais, o que é protocolado pelo Ministério da Saúde e, por conseguinte, conseguiram dar continuidade ao acompanhamento. Supomos, no início, que esse número seria menor do que foi, visto as dificuldades encontradas e o tratamento que as mulheres circenses itinerantes recebem no acolhimento e na assistência.

Os percalços por interferências externas estão ligados diretamente a esse tratamento. A itinerância em que vivem, coloca essas mulheres reféns do Sistema Único de

Saúde, no qual dependem que o profissional de saúde compreenda seu estilo de vida e que as receba nesse sistema, pois é um direito delas segundo os princípios do SUS. Embora seja um direito, o cidadão que procura o serviço de saúde por vezes não sabe sobre e não reivindica, tornando o acolhimento o único momento em que se pode resgatar essas pessoas.

Verificamos por meio dos relatos que é necessário qualificar melhor a assistência pré-natal das mulheres circenses itinerantes, já que não acontece de forma adequada. É fundamental uma melhora no acolhimento dos profissionais para com estas mulheres e isso mudará com a qualificação dos profissionais envolvidos. Esse aperfeiçoamento profissional pode, inclusive, aproximá-las do cuidado em saúde, não apenas no período pré-natal.

É importante ressaltar que o fato de estar em uma sociedade que é majoritariamente inserida na cultura do sedentarismo, isto é, a fixação na terra, o povo nômade, seja circense ou não, sofre com isso. Portanto, esse povo encontrou dificuldade tanto no passado, como ainda encontra hoje em dia. Então, para além dos percalços encontrados referentes à mulher circense itinerante e o SUS, temos que levar em consideração o modo em que a sociedade está organizada quanto a sua forma de moradia, uma vez que afeta diretamente esta problemática.

Dessa forma, compreendeu-se a relevância desta pesquisa como meio para produções científicas e discussões nesta temática, a fim de qualificar o atendimento pré-natal e de dar visibilidade a essas mulheres. É importante que estejamos atentos a populações como essa e, principalmente, das mulheres circenses itinerantes, que é o objeto deste estudo, que elas sejam pautas sobre como acessar o Sistema Único de Saúde e como este vai promover a saúde deste grupo.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Cadernos de Atenção Básica: Atenção ao pré-natal de baixo risco. 1. ed. Brasília (DF): Ed. MS; 2012.
2. Ministério da Saúde (BR). Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. Protocolos da Atenção Básica: saúde das mulheres. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2016.
3. Pimenta D. Famílias circenses: características, glórias e percalços. Rev Artes Espetáculo [Internet]. 2012 [acesso em 26 mai 2022];3:19-25. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/38>
4. Silva E. O circo: sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1996. 162 p.
5. Silva E, Abreu LA. Respeitável público... O circo em cena. Rio de Janeiro: Funarte; 2009.
6. Bersot K. Pesquisa científica: a diferença entre exploratória, descritiva e explicativa. Blog da Unasp [Internet]. São Paulo; 2019 [acesso em 24 nov 2021]. Disponível em: <https://www.unasp.br/blog/pesquisa-cientifica-diferencas/>
7. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.
8. Ministério da Saúde (BR). Sistema Único de Saúde (SUS): estrutura, princípios e como funciona [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2020 [acesso em 26 mai 2022]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/sus>
9. Duarte R. Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp; 1995.
10. Xavier GC, Santos AAO. Exclusão escolar e a criança de circo. Rev Eletrônica Educ [Internet]. 2009 [acesso em 03 jun 2022];3(2):118-29. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/49/64>
11. Menezes FC. Quatro atos de Judite – o corpo feminista da palhaça. Trama Interdiscip [Internet]. 2011 [acesso em 03 jun 2022];2(1):1-15. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/509944034/Quatro-atos-de-Judite-O-Corpo-Feminista-da-Palhaca>
12. Cunha MA, Dotto LMG, Mamede FV, Mamede MV. Assistência pré-natal: competências essenciais desempenhadas por enfermeiros. Esc Anna Nery. 2009;13(1):145-53. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000100020>



13. Evangelista YVC, Ferraz GMC, Carmo ALN, Andrade NV, Gonçalves ACRO, Barbosa PAM, Martins IAM, Oliveira PHC, Justino GCM. A burocratização das unidades básicas de saúde e a sua interferência na humanização do atendimento. Glob Acad Nurs. 2022;3(Spe.2):e274. <https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200274>
14. Junqueira MR. Da graça ao riso: contribuições de uma palhaça sobre a palhaçaria feminina [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012. 185 p.

